

Uma das razões da existência desta revista é poder compartilhar experiências sobre o ensino de escrita no Brasil e no mundo. No meio literário, é comum que escritores prolíficos e bem estabelecidos tenham pouca experiência pedagógica. E é igualmente comum, no mundo acadêmico, que professores com formação sólida em pedagogia e literatura tenham pouca experiência com a escrita e a publicação de literatura.

Procuramos promover a aproximação dos dois polos com a publicação de ensaios e artigos de professores e escritores brasileiros, além da tradução de textos lançados originalmente em outros idiomas e que podem servir a esse propósito.

A Associação de Programas de Escrita dos EUA (AWP) recomenda, com base em um debate nacional, que os professores de escrita (*creative writing*) de cursos de graduação e pós tenham um título de pós-graduação simples em escrita (equivalente à especialização *lato sensu* no Brasil), ou ao menos um livro publicado por editora de projeção nacional. Desconsideram, portanto, a necessidade de uma titularidade acadêmica como fundamento para o ensino de escrita literária.

No Brasil, a discussão ainda não se deu. Por dois motivos: 1) o Ministério da Educação tem consolidada já há muito tempo a regra que dá aos professores com rigorosa formação acadêmica a primazia nos sistemas de ensino superior público e privado, e 2) são muito poucos os cursos acadêmicos de formação de escritores no país, insuficientes ainda para se promover a revisão dessa prática. Em atividade, pelo menos desde o início da década, existem apenas três: na PUC de Porto Alegre, na PUC do Rio de Janeiro, e aqui, no Instituto Vera Cruz de São Paulo.

O efeito mais imediato dessa política é a manutenção da distância mantida pelas instituições de ensino de nível superior em relação aos cursos de escrita. Por esse motivo, proliferam-se pelo país os cursos livres, em espaços socioculturais ou centros de estudo, e também, mais

recentemente, os cursos *online*. Daí, novamente, a importância do compromisso de fomentar o debate sobre escrita conjuntamente ao ensino de escrita que assumimos como tarefa editorial.

Pensando nesse compartilhamento de saberes, trazemos nesta edição um texto de Tiago Novaes sobre seu curso de escrita *online*, uma reflexão de George Saunders sobre a escrita e o ensino, e uma carta de Wallace Stegner (1909–1993) em que aconselha estudantes no início da carreira literária. Os três experientes professores de escrita e autores estabelecidos.

Novaes começou seu canal *online* de cursos em 2015, e hoje, pode-se dizer, é o principal ator do meio no Brasil. No ensaio “A um, a muitos: uma formação *online* para escritores”, ele generosamente compartilha aquilo que aprendeu nos últimos quatro anos, como a compreensão de que, se “em uma oficina presencial o professor pode ausentar-se quase que completamente até o reencontro, na semana seguinte, em uma oficina *online* o professor não tem essa liberdade. Ele terá de estar diariamente ou quase que diariamente disponível. Um monitor poderá substituí-lo, é claro, mas a aproximação, de um modo ou de outro, será necessária, pois a tolerância ao silêncio da parte dos alunos é menor. Nenhuma pergunta ficará sem resposta, ainda que o silêncio seja a melhor resposta.”

Em “Processo e espírito”, título da conferência de abertura do encontro da AWP de 2018, George Saunders diz que pensa nos jovens escritores, antes de entrarem num curso de escrita, “como pessoas correndo cheias de energia pela floresta, no inverno, de patins de gelo. Se fizermos bem nosso trabalho, o curso vira um lago congelado que surge num passe de mágica diante da pessoa. Ela ainda está indo na mesma direção, com sua própria força, mas está indo mais rápido, com menos obstáculos”. Para ele, um curso de escrita literária não é garantia de que seus alunos terão sucesso, isto é, publicarão o livro em que trabalharão ao longo das oficinas. “Acho que tornamos melhores as vidas de nossos alunos ao lhes darmos apoio e conselhos nesse momento crítico de suas trajetórias. Se alguém tenta escrever um livro e fracassa, mas o faz em um ambiente de apoio, com bastante tempo, esse ‘fracasso’ tende a levar a pessoa a ter mais êxito na empreitada seguinte — seja ela outro livro, ou algo completamente diferente. Dar essas condições pode, portanto, ser visto como um ato de generosidade, bom para o artista, seja qual for o resultado.”

Stegner, na “Carta a uma jovem escritora”, publicada originalmente na revista *The Atlantic*, de 1959, responde às questões hipotéticas de uma suposta autora num dos textos mais sinceros sobre as falsas esperanças que poluem os desejos de iniciantes: “suspeito que um dos grandes motivos de você ter enviado essa carta venha de sua necessidade de afirmação: de repente, sua confiança esmoreceu; você parou por um momento de escrever seu livro, olhou ao redor e foi atingida por um pânico repentino. Você gostaria de ouvir que é boa e que todas as dificuldades, esforços e frustrações darão lugar, aos poucos ou imediatamente, de preferência imediatamente, à segurança, fama, confiança, à convicção de que ter feito um bom trabalho levará a um bom resultado, e de que você se tornará, de alguma maneira, importante para o mundo. Se eu estiver errado em revelar esse pretexto não verbalizado, perdoe-me; esse é o tipo de coisa que eu senti na sua idade, que ainda sinto, e que não vou deixar de sentir nunca”.

Esses três textos têm em comum um ponto de vista no qual se amalgama a experiência da escrita com a da docência. É nesse caminho que segue a *Revera escritos de criação literária do Instituto Vera Cruz*, olhando para o ensino, para a aprendizagem e sobretudo para a prática da escrita.

E a prática, por sua vez, abre-se em outros possíveis caminhos. Ela alimenta o ensino e a aprendizagem, como mostra Antônio Xerxenesky, em seu artigo “Roberto Bolaño, escrita criativa e o lugar do escritor no século XXI”, quando defende a tese de que “a obra de Bolaño pode servir como uma espécie de farol para a nova geração de artistas: o que o autor procura, afinal, é uma poética possível para o século XXI, que dê conta da monstruosidade de nossos tempos, e que busque uma linguagem que rejeite os modos de narrar bem aceitos e assimilados pelo mercado”.

A prática de escrita também ilumina possibilidades para o ofício, assunto discutido no debate “A escrita fantasma e o escritor profissional no Brasil”, realizado no Instituto Vera Cruz, em setembro de 2018. O debate que publicamos é uma transcrição editada do encontro com as reflexões de Renato Prelorentzou, Tiago Novaes, Ivan Marsiglia e Gabriela Aguerre sobre um trabalho comum no mercado literário brasileiro, ainda que cercado de segredos e mistérios.

A prática é ainda ponto de partida para revisões da recepção da literatura, que por sua vez tornam a influenciar a escrita, em movimentos geracionais que ampliam as possibilidades para os autores iniciantes. É disso que trata, entre outros assuntos, Ana Maria Gonçalves, em sua conferência sobre escrita proferida no Instituto Vera Cruz, em outubro de 2018. Na transcrição de sua palestra, publicada aqui, podemos ver como as leituras de livros na adolescência, a exemplo de *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, influenciaram a escritora que Gonçalves viria a ser, quando publicou o seu seminal *Um defeito de cor*, romance vencedor do Prêmio Casa de las Americas de 2007. Gonçalves chama atenção para outras dimensões daquilo que pode ser chamado de literatura, defendendo uma ampliação de nossas percepções e, conseqüentemente, de nossas possibilidades como autores.

É sobre o mesmo assunto, embora em outro recorte, que escreve Bruno Zeni, no artigo “O direito à poesia”, uma revisitação do ensaio “O direito à literatura”, de Antonio Candido, à luz de Walter Benjamin e Paul Zumthor, alargando a percepção do que é poesia e do que é literatura para incluir os fenômenos recentes das publicações independentes, das leituras públicas de poesia, das literaturas feitas por mulheres, do movimento hip hop, das disputas de *slams* e do florescimento dos *saraus* nas periferias de São Paulo.

Quase todos os colaboradores desta edição da Revera são ou foram professores de escrita: Antônio Xerxenesky, Bruno Zeni (do Instituto Vera Cruz), Carol Bensimon, George Saunders, Ronaldo Bressane, Wallace Stegner e Tiago Novaes.

Além disso, os dois livros resenhados aqui: *Ensaio: orientações para a redação do texto conceitual* e *Escrever ficção: um manual de criação literária* foram escritos por dois dos mais antigos professores de escrita no país: Gilson Rampazzo e Luiz Antonio de Assis Brasil. Suas análises foram feitas por ex-alunos: Bressane, sobre Rampazzo, e Bensimon, sobre Assis Brasil. Essas pontes, críticas, mas também afetivas, sugerem em que grau o ensino de escrita vem se consolidando no Brasil, para além de duas ou três gerações.

E da nova geração, aquela que começa agora a publicar e participar mais intensamente das trocas literárias que marcam o meio, apresentamos aqui quatro novos autores, todos atualmente alunos da pós-graduação

Formação de Escritores do Instituto Vera: João Luiz Guimarães (“Sagatrisuinorana”), Luciana Loew (“Envergonhado”), Nathalie Lourenço (“Versão brasileira”) e Victoria Schechter (“O buraco”).

Com mais um número desta *Revera*, seguimos no caminho de fomentar e fortalecer o ensino e a prática da escrita literária. Um não existe, salutarmente, sem o outro. Assim como não existe a escrita sem a leitura, ou a leitura sem a escrita. O oferecimento desses textos, além de ser um convite à leitura, é sobretudo um chamado para a escrita.

Os editores